

Provavelmente edificada durante o século XVIII, tendo como contexto a vertiginosa mineração nas terras da antiga Capitania de Minas Gerais, a Capela de Chapada consiste em um dos principais símbolos desse sub-distrito de Ouro Preto. A pequena igreja funcionou como uma espécie de núcleo aglutinador dos primeiros tempos do antigo arraial: em meio às andanças e buscas das inúmeras riquezas minerais, o templo sagrado representava o local escolhido pelos desbravadores para se fixarem ao menos provisoriamente⁷⁹. Nessa medida, a ermida de Sant'Ana servia como grande referencial para a população da época, visto que a padroeira era admirada tanto pelos viajantes que partiam ou chegavam, bem como pelos moradores que ali residiam com suas pequenas plantações agrícolas.

As fontes documentais encontradas apontam para uma significativa reforma iniciada no ano de 1883. Na prática, tais modificações não deixaram de ser uma nova construção, haja vista que houve uma provável ampliação em relação à capela primitiva. Entretanto, o que mais desperta a atenção foram os seguidos esforços da população chapadense para que essa obra fosse edificada; nesse ínterim, realizou-se uma longa campanha para a arrecadação de fundos, sendo apontadas algumas pessoas da comunidade com a incumbência dessa árdua tarefa. Os moradores do local se organizaram de uma tal maneira que foi constituída uma comissão responsável pelo andamento das obras, a qual representou muito bem os anseios dos diferentes membros de Chapada – que eram, fundamentalmente, a elevação de um templo digno para a aclamada padroeira Sant'Ana.

Nem mesmo a forte crise econômica que se abateu nos diversos locais do território mineiro ao longo do século XIX, inviabilizou o início da construção da Capela de Sant'Ana: muitos trabalhadores ofereciam gratuitamente sua mão-de-obra em devoção à santa, alguns fazendeiros cederam materiais como pedras e madeiras, além do governo provincial ser responsável pela cessão de recursos. Ademais, não se pode perder de vista a participação fundamental de vários escravos para o erguimento da igreja; foram eles que trabalharam mais dias ao longo da construção⁸⁰, concedendo, também, um caráter multifacetado à concretização desse importante bem imóvel – podem-se indicar, a título de exemplos, o emprego de técnicas africanas desconhecidas até então do homem europeu e a contribuição da influência dos traços religiosos dos negros para o fortalecimento de Sant'Ana enquanto símbolo local.

Durante o transcorrer do século XX, a singela igreja foi bastante freqüentada pelos moradores bem como pelos habitantes dos distritos vizinhos. Muito mais do que um mero local onde se realizavam formalidades religiosas – batismos, casamentos, missas e orações eram algumas dessas ocasiões – os arredores do templo passaram a ser apropriados de maneiras variadas pelos diversos indivíduos. A realização de festividades e de outros eventos como a Festa de Sant'Ana e as danças de quadrilha acabaram concedendo um caráter profano ao espaço do largo, sugerindo uma mescla bastante rica entre os universos sacro e mundano. Dessa forma, cabe assinalar a (re)significação construída pelos chapadenses no que toca à ermida da padroeira, tendo como perspectiva as mudanças que acompanham os processos históricos.

⁷⁹ Importante salientar as funções de pousada e de zona agrícola desempenhadas pelos antigos povoados, os quais estavam localizados perto dos núcleos mineradores. A proximidade de Chapada com o atual distrito-sede Ouro Preto é bastante sugestiva, apontando para esse tipo de ocorrência comum nas Minas Setecentistas.

⁸⁰ Informação baseada em uma série de documentos emitidos por Manoel Ferreira Guimarães (presidente e tesoureiro das obras), datados de 02/05/1883. A documentação encontra-se, atualmente, no interior da capela.

No que tange ao seu aspecto arquitetônico, a referida ermida se impõe por sua proporcionalidade; volumetria; pela interessante torre sineira descolada do corpo do edifício e, sobretudo, pela sua presença articuladora de um espaço urbano singular, típico das vilas mineiras do século XVIII, que abriga inúmeras formas de se vivenciar o coletivo.

Realizadas essas presentes colocações, vale inferir que a Capela mencionada destaca-se, fundamentalmente, como importante símbolo dessa comunidade ouro-pretana. Mesmo diante das alterações típicas das temporalidades distintas, esse bem imóvel não deixou de representar o vínculo identitário entre os moradores e o espaço físico da Chapada. Nesse sentido, a igreja emerge como um ícone de grande relevância para que sejam vislumbrados traços do cotidiano chapadense; em outras palavras, a edificação acaba por desempenhar um papel de referencial que não se limita aos sentimentos religiosos, interligando-se, concomitantemente, ao dinamismo dessa localidade mineira.

A importância de se preservar esse singular bem cultural justifica-se pela inserção do mesmo enquanto um importante fragmento das muitas histórias chapadenses: desde os primeiros momentos da fundação do povoado, passando pelos louváveis esforços de se edificar uma ermida definitiva, além de agregar os mais diferentes usos de seus espaços, a Capela conseguiu sintetizar muitas das ações e das vozes dos sujeitos anônimos que teceram o cotidiano da localidade. Nesse ínterim, a pequena igreja de Sant'Ana representa a historicidade do viver coletivo, conotando para significados que ora se modificam com o tempo e, por vezes, trazem as permanências e as tradições de um passado ainda muito presente...

Ouro Preto, abril de 2005



Hilário Figueiredo Pereira Filho
Historiador



Patrícia Soares Pereira
Arquiteta Urbanista